

## INTRODUÇÃO

As literaturas angolana, moçambicana, caboverdiana, são-tomense e guineense são, hoje, sistemas literários constituídos, autónomos, independentes, apresentando-se como consistentes no contexto das dificuldades de países emergentes em ciclo de consolidação. Esses cinco países possuem, obviamente, cada qual, um campo literário, isto é, o que cada sociedade tem definido como área da literatura, com escritores, textos, leitores, crítica, ensino, livros, editoras, livrarias, prémios literários e associações de escritores, entre outros elementos constituintes da instituição literária própria.

Críticos e teóricos desses países e de outros pesquisam as pertenças literárias e os cânones, as identidades culturais e literárias, as endogenias, as correntes, os temas, os estilos, os imaginários, as transfronteiras, as continentalidades ou a mundialização das literaturas. Aplicam a retórica, o estruturalismo, a teoria pós-colonial, a filologia, a sociocrítica, a sociologia da literatura, a ideocrítica, a teoria da subalternidade, o formalismo russo, a história da literatura, a teoria da literatura, a linguística, a análise do discurso, a semiótica, a psicanálise, o feminismo. Nada do que é humano e, portanto, artístico, crítico, linguístico, literário, estético, escapa à lupa dos que se dedicam a essas literaturas.

Tudo se passa como noutras literaturas, com a diferença destas nos chegarem, como diria um sábio bantu, de um Sul com sol, savana, subalternidade, deserto, equador e elegância orgulhosa de girafa. O difícil é escapar ao exotismo, ler o mundo todo em dois versos e tirar o retrato da tragédia ou comédia humana a uma personagem rocambolesca. Os africanos são tão mestres como os outros

nessa impossível arte de exprimir o inexprimível ou espremer o riso no rasgão da carne em flor.

A área das literaturas africanas de língua portuguesa, nos cinco países africanos, em Portugal, no Brasil, ou onde quer que seja, tem 40 anos, pelo menos, embora as disciplinas que a constituem, enquanto formas, instrumentos e lugares de ação, pressupondo saberes científicos e, de certo modo, uma sabedoria pesquisada, vivenciada, aprendida, transmitida e testada, como disciplina académica, esteja ainda a passar por provações, digamos, da puberdade, por ser verdade que se procuram denodadamente fórmulas de veracidade e de veridicção.

Temos de admitir que a área padece ainda de falta de recursos materiais e humanos, no que à consolidação académica diz respeito, sem desrespeito pelo que já se encontra constituído, porque muito há que fazer. Em primeiro lugar, faltam cinco histórias das literaturas, uma de cada país. Segundo, a instituição do ensino e da investigação de todas as cinco literaturas nos cinco países africanos. Terceiro, suficientes especialistas (quer dizer: profissionais a tempo integral) em todos os espaços onde existem essas literaturas em produção e/ou circulação/tradução. Quarto, a capacidade de crítica valorativa e distanciamento de interesses corporativos, económicos e grupais. Quinto, a passagem inelutável do tempo.

Há uma consciência partilhada das dificuldades: o (des)conhecimento do *corpus* de cada país pelos outros; a (não)circulação dos livros; os sistemas de ensino deficitários e tendentes ao chauvinismo e facciosismo literários; a literatura refém da produção na época da reprodutibilidade e de interesses mercadológicos; o desaparecimento de lugares da crítica pública; a literatura e o seu estudo (ab)usados pelo poderio e empoderamento dos diversos poderes sociopolíticos e institucionais; a ideologia neoliberal e pós-moderna apoderando-se da organização dos saberes e das artes.

Em Portugal, o estudo das cinco literaturas africanas de língua portuguesa, ao fim de 40 anos de independências políticas, decaiu nas universidades, por força das fraquezas económicas e institucionais. O panorama começa a ser desolador e não há estatísticas que possam provar o contrário, porque a crise, também na universidade, é realmente vivida por todos, não havendo sequer vontade ideológica e institucional de melhorar o estado da arte. Faz-se o que se pode.

Este número da nossa revista inclui contributos diversificados, mostrando algo do que se pensa e escreve nesta área. Queremos sobretudo chamar a atenção dos leitores para a derradeira entrevista de Manuel Ferreira (que estava inédita, dada ao escritor angolano Lopito Feijó e, por ele, a nós), no mês em que faleceu (em 1992, há quase um quarto de século!). Trata-se de um documento de homenagem àquele que foi – paradoxalmente um gigante solitário e solidário – cabouqueiro, divulgador, editor, professor, cavaleiro andante das sete partidas, apaixonado das cinco literaturas, referência mundial incontornável, para quem se aproxima, pela primeira vez, deste campo. Que, com ele e com outros, possamos colher as primeiras sementes que hão de florir nas primaveras estudantis e alimentar os verões quentes das poderosas investigações!

Coimbra, 30 de março de 2016.

*Pires Laranjeira*